

“LÁ VEM A AULA QUE EU NÃO APRENDO NADA”: INSUCESSO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA COMO SEGUNDA LÍNGUA

“AQUÍ VIENE LA CLASE DE QUE NO APRENDO NADA”: EL FRACASO DEL APRENDIZAJE DEL IDIOMA INGLÉS COMO SEGUNDO IDIOMA

“THERE COMES THE CLASS THAT I DON'T LEARN ANYTHING”: FAILURE IN THE LEARNING OF ENGLISH AS A SECOND LANGUAGE

Uéverson MENDES OLIVEIRA¹

RESUMO: O presente artigo versa sobre os motivos que podem influenciar no insucesso do ensino e da aprendizagem de língua inglesa no contexto de escola pública. Buscou-se, com essa pesquisa, compreender os fatores que podem influenciar para o mau funcionamento na interação professor-aluno dentro da sala de aula. Foram utilizados aportes teóricos sobre o ensino de língua inglesa como língua estrangeira, para entender de quais formas o ensino vem sendo compreendido. Os dados apresentados foram obtidos através de uma pesquisa na literatura disponível sobre o ensino de língua inglesa dentro das instituições públicas de ensino básico. Foram encontrados e destacados três motivos que estão diretamente ligados ao insucesso na aprendizagem e ensino de língua inglesa.

PALAVRAS-CHAVE: Língua inglesa. Escolas públicas. Ensino e aprendizagem.

RESUMEN: Este artículo aborda las razones que pueden influir en el fracaso de la enseñanza y el aprendizaje del idioma inglés en el contexto de la escuela pública. Esta investigación buscó comprender los factores que pueden influir en el mal funcionamiento de la interacción profesor-alumno dentro del aula. Las contribuciones teóricas sobre la enseñanza del inglés como lengua extranjera se utilizaron para comprender de qué manera se ha entendido la enseñanza. Los datos presentados se obtuvieron a través de una búsqueda en la literatura disponible sobre la enseñanza del idioma inglés en las escuelas primarias públicas. Se encontraron y destacaron tres razones que están directamente relacionadas con el fracaso en el aprendizaje y la enseñanza del idioma inglés.

PALABRAS CLAVE: Idioma en inglés. Escuelas publicas. Enseñanza y aprendizaje.

ABSTRACT: This article deals with the reasons that may influence the English language teaching and learning failure in the public school context. This research aimed to understand the factors that can influence the malfunction in the interaction between teacher and student in the classroom. Theoretical contributions to the teaching of English as a foreign language were used to understand the ways that the teaching has been understood. The data presented were obtained through a search in the available academic material concerning English language

¹ Secretaria da Educação do Estado da Bahia, Salvador – BA – Brasil. Professor de Língua Inglesa. Especialista em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à EJA (IFRN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6549-2603>. E-mail: ueverson_oliveira@hotmail.com

teaching in public schools. Three factors were found and highlighted as meaningful and which are directly hooked to the English learning and teaching failure.

KEYWORDS: *English language. Public school. Teaching and learning.*

Introdução

“É verbo *To Be* todo ano e o ano todo”: inglês na rede pública de ensino

Que a língua inglesa na rede pública de ensino é marginalizada, isso é inquestionável. Mas por que a língua inglesa, até o presente momento, ainda não ganhou um papel de destaque dentro do currículo escolar? Em especial nas escolas públicas.

Para tentar explicar tais motivos é importante que comecemos a falar sobre como funciona o ensino e aprendizagem da Língua Inglesa, que aqui trataremos como L2, nas escolas públicas, uma vez que a língua inglesa é ensinada na maioria das escolas como uma segunda língua. Se pararmos para analisar, em todos os anos dos anos finais do ensino fundamental e os três ou quatro anos do ensino médio, a única competência que é ensinada, ou tenta-se ensinar, é o desenvolvimento da gramática ou da competência gramatical, o que não habilita uma pessoa enquanto falante de uma L2. Sobre isso, Anjos (2013, p. 44) afirma: “o que se nota é exatamente a transmissão de aspectos gramaticais”, que muito tem a ver com essa prática mecânica, reafirmada em Siqueira (2005), ao tratar do ensino e da aprendizagem de língua e cultura estrangeiras, ao argumentar que se não usarmos as nossas experiências e conhecimentos para nos conhecer e conhecer o outro, para valorizarmos a nossa herança cultural e influenciarmos os nossos alunos de maneira crítica, estaremos fadados a uma mera prática mecânica de transmissão de informações frágeis, sem significados e inúteis, o que influencia de forma negativa no processo de ensino e aprendizagem de uma L2. Sobre isso Leffa (1999 *apud* LIMA, 2008, p. 03) argumenta que “a metodologia para o ensino das chamadas línguas vivas era a mesma das línguas mortas: tradução e análise gramatical”. Os fatos mostrados evidenciam características que levam, muitas vezes, ao insucesso da língua inglesa dentro das escolas da rede pública de ensino.

Anos passaram-se e o que se percebe é a repetição de métodos e metodologias que funcionaram, talvez, há muitos anos, porém, dentro das exigências que temos hoje por parte do público que frequenta os ambientes formais de aprendizagem, em especial as escolas de ensino básico, não mais configuram-se como eficazes. Outro aspecto que toma dimensão expressiva é crença da não necessidade do aprendizado de uma L2, pois, é de conhecimento amplo que a

matéria de língua inglesa é tida como irrelevante dentro da grade curricular que compõe o currículo escolar. É muito comum, enquanto professor de língua inglesa, escutar alunos falando que odeiam a língua, “eu odeio inglês”, “eu odeio essa matéria”, pois não conseguem entender nada do que o professor fala. Esse processo de rejeição e não aceitação da língua enquanto objeto de interação perpassa, mais uma vez, a questão da gramática como forma de disseminação da língua e, também, o seu ensino insignificativo, isto é, a língua funciona única e exclusivamente como método de aprovação e reprovação nas unidades escolares.

Dentro da literatura acadêmica no que tange os conteúdos voltados para o ensino e aprendizagem de língua inglesa, muitos autores compreendem a língua como objeto de interação social. Antunes (2009, p. 65) define: “a língua é uma atividade social para fins de interação, mas que, além disso, deve ser encarada como um elemento que favorece a participação crítica e consciente dos usuários”. Então, pode-se vislumbrar uma transformação social do ambiente no qual estão inseridos através do uso da língua com ferramenta de interação. Barros (2017) afirma: “o inglês como língua franca está sendo reinventado, reconstruído e criativamente utilizado, dentro das localidades, como uma ferramenta sociocultural, política e ideológica para que os povos do mundo contem suas histórias à sua maneira” (BARROS, 2017, p. 54). Ainda de acordo com Barros, o domínio da língua inglesa pode proporcionar uma leitura crítica dos acontecimentos políticos mundiais e podem se estabelecer relações interculturais. Cruz (2006, p. 35) defende que ao aprendermos uma língua e cultura estrangeiras, aprendemos também sobre as nossas, seja através da comparação, seja através da reflexão sobre conceitos arraigados e naturalizados. O aprendizado de outra língua é, por fim, além de ferramenta de interação, meio pelo qual podemos ganhar conhecimento de mundo, da nossa própria língua, culturas e costumes.

Mas o que se sabe é que a realidade dentro da escola pública se afasta bastante das concepções supracitadas, que em nada se aproximam da participação interativa ou entende a língua como objeto de transformação social, tampouco uma ferramenta sociocultural, política e ideológica. Dentro das escolas públicas, a língua vem sendo encarada única e exclusivamente como uma disciplina escolar, isso para a sociedade, alunos e, até mesmo, professores.

Tais fatos trazem consigo um processo que Leffa (2007) chama de autoexclusão e, ainda, afirma ser uma questão social, algo que parte de fora para dentro e acarreta numa série de outras questões que podem contribuir de forma bastante negativa para o ensino de L2 na rede pública de ensino.

[...] parte-se do princípio de que o aluno não se exclui por vontade própria. Quando ele diz “eu odeio inglês” pode dar a impressão de que esse dizer foi construído de dentro para fora, quando na realidade foi construído da sociedade para o sujeito, de fora para dentro. A autoexclusão não parte do sujeito; é induzida pela sociedade (LEFFA, 2007, p. 05).

Ainda sobre esse processo, o de autoexclusão, Leffa (2007, p. 5-6) atribui os fatores que são responsáveis pela negatização da aprendizagem de L2: (1) a escola como reprodutora dos valores da classe dominante; (2) a universalização do ensino nas décadas de 1960 e 1970; (3) falta de qualificação dos professores.

“Não sei pra que existe a matéria de inglês, não vou sair do Brasil”

O ensino e a aprendizagem de L2 no Brasil perpassa por uma série de concepções, métodos, metodologias que dizem respeito mais sobre o local no qual se estuda do que ao real efeito que tais concepções, métodos, metodologias trazem no processo. No meio desses caminhos nos quais se trilha o ensino de L2 existem fatores que contribuem para o insucesso da aprendizagem de uma LA (língua alvo) dentro das escolas públicas, o que torna importante o mapeamento desses fatores, baseando-se na literatura produzida até o presente momento.

De acordo com Siqueira e Anjos (2012), “há bastante tempo, o ensino da língua inglesa nas escolas públicas brasileiras tem sido alvo de críticas, desmerecimento e desprestígio.” (SIQUEIRA; ANJOS, 2012, p. 128). Não apenas a língua inglesa, pode-se dizer, mas línguas estrangeiras (LE) em geral. Tal afirmação evidencia tudo que fora dito anteriormente sobre o desprestígio do ensino de LE dentro das escolas da rede pública de ensino. Decerto, a literatura sobre a temática do ensino de língua inglesa tem crescido, tem ganhado espaço dentro da academia, porém, há um grande caminho até chegar no objetivo que perpassa boa parte da produção, que é a efetivação no ensino de língua estrangeira, em especial a língua inglesa, dentro da rede pública de ensino. Ainda de acordo com Siqueira e Anjos (2012),

Muito também se tem debatido sobre as práticas e metodologias voltadas para o ensino da língua inglesa nesse ambiente, suas demandas e implicações, seus resultados pífios, deixando-se emergir e solidificar, com bastante frequência, crenças diversas a esse respeito, inclusive a pior de todas, e talvez a mais propagada no inconsciente coletivo, de que é impossível se aprender inglês nas escolas públicas brasileiras (SIQUEIRA; ANJOS, 2012, p. 128).

Na verdade, o ensino de língua inglesa é encarado, por muitas pessoas, apenas como uma complementação na grade curricular do ensino básico, para os anos finais do ensino

fundamental e o ensino médio, isso porque é tida com uma disciplina sem justificativa social.

Sobre isso Moita Lopes (1996) afirma:

[...] os objetivos tradicionais do ensino de LE (isto é, o foco nas chamadas quatro habilidades linguísticas com ênfase nas habilidades orais) precisam ser alterados já que não têm nenhuma justificativa social no contexto brasileiro, isto é, não é apropriado. Entende que uma disciplina escolar que não é justificável socialmente não pode demonstrar, para os professores, alunos e a comunidade em geral, a necessidade de sua presença no currículo. Portanto, não deve causar surpresa o fato de os professores de LEs gozarem de muito pouco prestígio nas escolas secundárias hoje em dia (MOITA LOPES, 1996, p. 132).

Logo se sabe que o que se enfrenta atualmente no ensino de uma língua estrangeira, não é uma novidade, pois Moita Lopes (1996) já debatia sobre o assunto. O que acontece, na verdade, é a continuação de algumas práticas que fadaram o fracasso no processo de ensino e aprendizagem de uma LE. A escola, sociedade, alunos e até mesmo muitos professores não compreenderam, ainda, a importância da aprendizagem da língua inglesa para a formação social de indivíduo. Siqueira e Anjos (2012) posicionam-se sobre quando discorrem:

Apesar de décadas dedicadas a essa discussão, o processo de ensino e aprendizagem de LE permanece ineficiente, quando não relegado a último plano, nas escolas públicas. Isso parece estar acontecendo por não se atender à finalidade do ensino que o momento em que vivemos exige (SIQUEIRA; ANJOS, 2012, p. 130).

Fica claro que o ensino de língua inglesa ainda segue métodos e metodologias que foram utilizadas em décadas distantes, que não conseguem mais contemplar as exigências que foram surgindo com as novas formas de aprendizagem e de ensino. Para Barros (2017),

O cenário atual implica a necessidade de um novo olhar sobre as novas formas dessa língua no século XXI, uma vez que o estatuto emergente do inglês é de uma língua mundial, internacional e, acima de tudo, franca², que precisa ser reconfigurada dentro do cenário local, no nosso caso, brasileiro (BARROS, 2017, p. 47).

Essa citação traz consigo uma carga de exigência na qual explicita a necessidade de novas formas de ensino que possam, de fato, tornar relevante o que é ensinado e aprendido no ambiente escolar, práticas que consigam dialogar com a realidade das pessoas que estão aprendendo.

² São várias as acepções e definições para o termo língua franca. Concebemos uma língua franca como o idioma de contato e comunicação entre grupos ou membros de grupos linguisticamente distintos em relações de comércio internacional e outras interações mais extensas (SIQUEIRA, 2008; 2011, p. 15).

[...] precisamos assumir novas posturas e iniciativas voltadas para a implementação de abordagens de ensino mais realistas, visando a uma educação linguística que privilegie aulas mais significativas para a realidade imediata do aluno e, quando compreendermos que existe um desejo das pessoas das camadas populares, no Brasil, de participar dos benefícios culturais do mundo globalizado (BARROS, 2017, p. 48).

Propor novas formas de ensino e aprendizagem de uma L2, vai além de, apenas, aprender uma língua estrangeira. Permite que indivíduos conheçam a sua própria cultura e a cultura do outro e, também, que se tenha um papel social no mundo que chamamos de global, desconsiderando a heterogeneidade, a soberania de uma língua que é tida, atualmente, como objeto de poder. É preciso compreender que a língua inglesa é, hoje, universal, e precisamos, enquanto professores de língua inglesa, despirmos a língua dessas características que, muitas vezes, impedem que pessoas a aprendam, não somente por desconhecerem a importância da língua inglesa mas, também, por julgarem não se enquadrar num “padrão” de aprendizes significativos da língua (PERIN, 2005 *apud* SCHEYERL, 2009):

Apesar de reconhecerem a importância de se saber inglês, os alunos tratam o ensino de língua inglesa na escola pública ora com desprezo, ora com indiferença. [...] O professor trabalha com a sensação de que o aluno não crê no que aprende, demonstrando menosprezo pelo que o professor se propõe a fazer durante a aula (PERIN, 2005, p. 150; SCHEYERL, 2009, p. 126).

Nesse cenário, a aprendizagem da língua alvo é prejudicada, bem como seu ensino, pois os fatores de desmotivação são evidenciados na sua forma mais pura, que justifica o subtítulo do texto aqui apresentado. A comunidade intra e extraescolar, a escola num geral, os alunos, o professor... todos os sujeitos citados influenciam, de alguma forma, para o sucesso e/ou fracasso no ensino e aprendizagem de uma LE. A respeito do mencionado, Cruz e Rocha Lima (2014, p. 196)

O ciclo que perpetua o “fracasso” da LI na escola faz com que o professor não valorize a sua disciplina, assim como seus colegas e a direção da escola; essa atmosfera negativa consegue baixar, ainda mais, a autoestima do professor, frustrando-o. Ele não consegue (ou já não deseja mais) mudar a postura de seu aluno diante do estudo da língua, e toda essa rede de desencontros faz com que o aluno primeiro suspeite, depois acredite, e por fim, constate que ali (a escola) não é o lugar para se aprender Inglês. Triste engano.

Percebe-se que o ensino de língua inglesa, como língua estrangeira, dentro das escolas públicas é motivo de muitas discussões. Não há uma fórmula mágica que consiga trazer a eficiência absoluta para o ensino e aprendizagem, porém, há atitudes que podem ser tomadas e podem trazer consigo benefícios para esse processo: a) adequação da carga horária; b) ensino

significativo; c) adequação da proposta curricular; d) implementação de abordagens de ensino mais realistas, etc. O ensino de língua inglesa tem crescido a cada dia, porém ainda existe espaço para se expandir e se tornar um processo significativo dentro das escolas da rede pública de ensino.

Conclusão

Vários são os aspectos que podem contribuir para o insucesso no ensino e aprendizagem de uma segunda língua. O artigo procurou analisar, com base na literatura disponível, os fatores que se destacam dentro do contexto nacional, principalmente dentro das escolas das redes públicas de ensino. Concluiu-se que entre os fatores que contribuem para a falha no ensino e aprendizagem de uma L2, destacam-se: a) foco no ensino de gramática; b) baixa qualificação acadêmica dos profissionais docentes; c) negligenciar disciplinas de língua estrangeiras. Tais fatores estão diretamente ligados à não eficiência do processo de ensinar e aprender uma língua estrangeira no contexto nacional.

Pondero que o processo de ensino e aprendizagem de uma L2 necessita, ainda, de uma longa jornada de pesquisas e análises de resultados, deixo essa contribuição, ainda que pequena, para outros trabalhos que sejam desenvolvidos dentro da temática aqui abordada e em cima do resultado aqui apresentado.

Fica evidente, a partir da literatura aqui trabalhada, a necessidade eminente de uma reformulação dos currículos escolares e da base nacional comum curricular, no que diz respeito ao ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras dentro das escolas públicas, para que, de alguma forma, tenha como objetivo a melhoria constante e imediata do processo que aqui destaque. São problemas que podem e devem ser solucionados a partir de políticas de incentivo sobre a importância da língua inglesa como objeto de transformação social e expressão do indivíduo, políticas que consigam mostrar à sociedade que uma língua estrangeira pode ser aprendida dentro da rede pública de ensino, desde que se trabalhe dentro dos aspectos necessários que permitam a eficácia do processo.

REFERÊNCIAS

ANJOS, F. A dos. Appropriate Pedagogy to Teach English: Contemporary Tendency Focusing on Non-Native. **ELT Forum: Journal of English Language Teaching**, Semarang (Indonésia), v. 8, n. 1, p. 14-24, 29 jul. 2019. Disponível em: <https://journal.unnes.ac.id/sju/index.php/elt/article/view/27778>. Acesso em: 7 out. 2019.

ANJOS, F. A. dos. “**Pra quê aprender inglês se não vou para os Estados Unidos: um estudo sobre atitudes de alguns alunos da escola pública em relação à aprendizagem do inglês como LE**”. 2013 Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

ANJOS, F. A. dos; SCHEYERL, D. C. de M. Mapeando Atitudes, (Des) Motivação e Orientação para Aprender Inglês. **Línguas & Letras**, Cascavel, v. 19, n. 44, p. 59-74, dez. 2018. e-ISSN 1981-4755. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/20260>. Acesso em: 22 ago. 2019.

ANJOS, F. A. dos; SIQUEIRA, D. S. P. Ensino de inglês como língua franca na escola pública: por uma crença no seu (bom) funcionamento. **Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 127-149, 2012.

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BARROS, K. “**sou do Candyall Guetho Square, sou do mundo e tenho algo para lhe falar**”: a contação de histórias como ação social nas aulas de inglês como língua franca (ILF) no Candeal. Orientadora: Denise Chaves de Menezes Scheyerl. 2017. 237 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26648>. Acesso em: 22 ago. 2019.

CRUZ, D. T. O ensino de língua estrangeira como meio de transformação social. *In*: SCHEYERL, D.; MOTA, K. (org.). **Espaços linguísticos: resistências e expansões**. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 25-56.

CRUZ, G. F. da.; ROCHA LIMA, J. Quem faz o ensino de inglês na escola (não) funcionar? *In*: LIMA, D. C. de. (org.). **Inglês em escola pública não funciona? Uma questão de múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola, 2014. p. 185-196.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GONÇALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

LEFFA, V. J. Pra que estudar inglês, profe? Auto-exclusão em língua-estrangeira. **Claritas**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 47-65, maio 2007. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/auto_exclusao_le.pdf. Acesso em: 9 out. 2019.

LIMA, G. P. **Breve trajetória da língua inglesa e do livro didático de inglês no Brasil**. Londrina, 2008.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1996.

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

SCHEYERL, D. C. de M. Ensinar língua estrangeira em escolas públicas noturnas. *In*: LIMA, D. C. **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 125-139.

SIQUEIRA, D. S. P. Inglês como língua franca: O desafio de ensinar um idioma desterritorializado. *In*: GIMENEZ, T.; CALVO, L.; EL KADRI, M. (org.). **Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores**. São Paulo: Pontes Editores, 2011. p. 87-115.

SIQUEIRA, D. S. P. **Inglês como língua internacional: por uma pedagogia intercultural crítica**. Orientadora: Denise Chaves de Menezes Scheyerl. 2008. 359 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11607>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SIQUEIRA, D. S. P. O desenvolvimento da consciência intercultural crítica como forma de combate à suposta alienação do professor brasileiro de inglês. **Revista Inventário**, Ondina (Universidade Federal da Bahia), v. 4. jul. 2005. Disponível em: <http://www.Inventario.ufba.br/04/04ssiqueira.htm>. Acesso em: 7 out. 2019.

Como referenciar este artigo:

MENDES OLIVEIRA, U. “Lá vem a aula que eu não aprendo nada”: insucesso na aprendizagem de Língua Inglesa como segunda língua. **Rev. EntreLínguas**, Araraquara, v. 6, n. 2, p. 298-306, jul./dez., 2020. e-ISSN: 2447-3529. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v6i2.13219>

Submetido em: 11/01/2020

Revisões requeridas: 20/03/2020

Aprovado em: 20/06/2020

Publicado em: 30/09/2020